

O livro **Destruição ou Desconstrução?** de Maria Angela Faggin Pereira Leite está organizado em três partes, sendo que a primeira refere-se à questão da *Região e da paisagem*.

A autora discute a evolução do conceito de região a partir do momento em que o ser humano deixa de ser nômade e passa a fixar-se num determinado local, criando, desse modo, uma relação estável com o espaço a sua volta. Com a sedentarização, o homem percebe que pode modificar o cenário natural e desenvolve técnicas de produção condizentes com as especificidades de cada lugar, dando início ao processo de regionalização.

Sendo assim, fica difícil estabelecer uma definição de região, já que sua conceituação é constantemente transformada em função das modificações da realidade que, também, são identificadas nas modificações regionais através do tempo.

LEITE demonstra como o ser humano ficou durante um longo tempo atrelado ao ritmo da natureza, fazendo com que cada espaço fosse explorado de forma diferente. A criação de novas técnicas de trabalho favoreceu a independência em relação aos locais mais privilegiados por suas condições naturais e tornou possível o trabalho em outras regiões antes impróprias.

Com a industrialização ocorreram grandes transformações em nível social, econômico e, também, em relação ao meio ambiente. Muitas áreas passaram a ser destruídas indiscriminadamente para assegurar os recursos e matérias-primas necessárias à atividade industrial.

Nesse contexto, a paisagem passou por fortes alterações, pois deixou de estar associada estritamente ao bucólico para, então, englobar problemas como da desigualdade social, da pobreza e do aumento populacional.

LEITE define a paisagem como sendo "reflexo da relação circunstancial entre o homem e a natureza" (p. 29). Partindo dessa premissa, torna-se evidente que o conceito de paisagem está em constante transformação no decorrer da história. Mesmo que este conceito tenha difundido-se, sobretudo no século XVIII com o romantismo, que era intimamente ligado ao "mundo natural", sempre teve um importante papel na vida humana, manifestando-se através da organização da produção, da religião e da economia.

A paisagem passou a ser objeto de estudo formal no final do século XVII. No decorrer do tempo, o Paisagismo bascou-se teoricamente a partir das questões sociais, culturais, técnicas e econômicas, que se alteraram profundamente com o avanço científico e influenciaram diretamente sua abordagem.

A autora ressalta que tanto a paisagem, como a região são representações da realidade, e, conseqüentemente, dos elementos que as compõem, estando sujeitas a mudanças permanentes que irão transformar suas interpretações freqüentemente.

Na segunda parte do livro, há o tratamento da *Escala regional e a dimensão ambiental no período contemporâneo*. Aqui, LEITE aborda a questão da consolidação do Planejamento Territorial feito pelo Estado após a Segunda Guerra Mundial, de suas conseqüências na determinação sobre o uso do território e da modificação da paisagem.

Nesse período a arquitetura paisagística amplia seu leque de abordagens, fazendo com que o Paisagismo passasse a incorporar a palavra "ambiente, que pressupõe ordem, hierarquia, e articulação de sistemas, noções inerentes ao processo de planejamento, projeto e gerenciamento da paisagem" (p. 57).

De acordo com LEITE, a paisagem deve ser entendida como um processo, pois contém na sua formação, uma combinação dinâmica de elementos que busca sua organização no espaço.

Para a autora, vale a pena buscar o significado da palavra desconstrução e diferenciá-lo da palavra destruição. A desconstrução está relacionada à reorganização, que envolve o desfazer, decompor e dessedimentar para depois reconstituir. O destruir, por outro lado, implicaria arruinar o que estava construído antes.

* Trabalho elaborado como atividade da disciplina "Urbanização e produção da cidade".

** Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil..

É essa constante reorganização ou desconstrução que sofre a paisagem, tendo seus elementos modificados de acordo com a realidade existente em dado momento.

A terceira parte do livro diz respeito às *Relações entre natureza e sociedade*. Aqui, a autora faz um breve resgate histórico do processo de colonização brasileira e sua influência na divisão regional e na paisagem do país.

Atualmente, o território brasileiro está organizado em regiões com alto grau de especialização, algumas voltadas às atividades industriais, com intensa atividade comercial e altos índices populacionais. Reorganizar este território implicaria, sem dúvida, repensar a situação econômica e social que vem se manifestando na paisagem de maneira desestruturada.

LEITE coloca que "a paisagem de cada um dos muitos lugares que compõem uma região é o resultado da integração entre todos os processos de organização do território, que se exercem sobre esses lugares ao longo do tempo" (p. 94). Para demonstrar a interligação entre esses processos, a autora exemplifica sua afirmação através de um estudo de Unidades de Conservação no estado de São Paulo, elegendo para sua análise as Áreas tombadas das serras do Japi, Guaxinduba e Jaguacoara, e pelas Áreas de Proteção Ambiental dos municípios de Jundiá, Cabreúva e Cajamar.

Esse estudo teve como resultado final a identificação da produção de uma paisagem composta de fragmentos urbanos e rurais, sendo "subdividida em áreas de usos conflitantes ou mutuamente excludentes" (p. 102).

LEITE conclui que a experiência concreta de paisagem não possibilita uma perfeita harmonia entre natureza, cultura e sociedade a partir de abstrações teóricas. Isso ocorre em função de não existir um "padrão universal de urbanização do território, de necessidades básicas para a qualidade de vida, quando se trata de integrar processos sociais, econômicos, culturais e naturais" (p. 110).

Tratando de questões referentes a região e a paisagem abordadas nesta obra, a autora contribui para com o estudo geográfico, uma vez que faz referência a temas que estão intimamente ligados a cultura e à natureza, e, conseqüentemente, são objetos de discussão da geografia.